

A REPRESENTAÇÃO DA AFETIVIDADE EM UMA TURMA DE 2º ANO DO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA-PA

Érica da Silva **MELO**¹
Universidade Federal do Pará/UFPA
marlonerica2009@hotmail.com

Vivian da Silva **LOBATO**²
Universidade Federal do Pará/UFPA
vivianlobato@ufpa.br

Resumo: *O artigo discute a afetividade como algo indissociável do desenvolvimento humano e indispensável na aprendizagem a partir da perspectiva Walloniana. A presente pesquisa originou-se de um Trabalho de Conclusão de Curso. O objetivo é analisar como a afetividade está sendo compreendida e desenvolvida em uma turma de 2º ano. A pesquisa foi realizada através da observação do cotidiano de uma sala de aula e uma entrevista com a professora da turma. Henri Wallon é a principal fundamentação teórica, e alguns autores que discutem a sua teoria como: Almeida (2007, 2012) Dantas (1992), Galvão (2011), Mahoney (2010), dentre outros. O artigo está organizado em: Introdução, referencial teórico, desenvolvimento (sobre a pesquisa) e considerações finais. Constatou-se que a afetividade é algo indispensável no âmbito escolar, porém ainda é um desafio para os professores. Afetividade e aprendizagem são indissociáveis no processo de ensino aprendizagem. É imprescindível reconhecer a importância da afetividade e tê-la como aliada na aprendizagem.*

Palavras-chave: *Afetividade. Wallon. Aprendizagem.*

Abstract: The paper discusses the affection as something inseparable from human development and essential in learning from the Wallonian perspective. This research originated from a Work Course Conclusion. The aim is to analyze how affectivity is being understood and developed in a class of 2nd year. The survey was conducted through daily observation of a classroom and an interview with the teacher of the class. Henri Wallon is the main theoretical basis, and some authors argue that his theory as Almeida (2007, 2012) Dantas (1992), Galvão (2011), Mahoney (2010), among others. The paper is organized as follows: Introduction, theoretical framework, development (of the research) and final considerations. It was found that affectivity is something indispensable in the school, but it is still a challenge for teachers. Affectivity and learning are inextricably linked in the teaching learning process. It is essential to recognize the importance of affectivity and have it as an ally in learning.

Keywords: Affectivity. Wallon. Learning.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará/UFPA. Monitora do Programa Mais Educação.

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da UFPA – Campus de Abaetetuba. Doutora em Educação: Psicologia da Educação.

Introdução

Atualmente a afetividade é um tema muito discutido, principalmente no meio educacional. Entretanto para alguns professores a afetividade ainda está associada a atos de carinho, a fraqueza e até mesmo a perda do domínio da turma. Contudo, vale ressaltar que a afetividade tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo nas séries iniciais, pois de acordo com Wallon (1975) a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento.

Henri Wallon (1975, p.162) ainda enfatiza que “*o ser humano é um ser íntimo orgânico e essencialmente social*”. Que através de suas sensações internas, como por exemplo, as emoções, necessitam do externo, que são relações sociais essenciais para o desenvolvimento da pessoa. As relações sociais correspondem primeiramente ao contato com a família e posteriormente com a escola, onde a criança se insere em grupos, que possibilitam a construção e reconhecimento do seu “eu” como pessoa. Wallon também defende que a criança deve ser compreendida de maneira completa, concreta e contextualizada.

O presente estudo é resultado de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso realizada em uma Escola de educação infantil e ensino fundamental localizada no Município de Abaetetuba-PA, especificamente em uma turma de 2º ano. O objetivo do artigo é analisar como a afetividade está sendo compreendida e desenvolvida em uma turma de 2º ano do referido município. Para a coleta de dados, em contato com o cotidiano escolar utilizaram-se a observação em sala de aula e uma entrevista estruturada com a professora da turma. Os acontecimentos observados de maior relevância foram descritos em um diário de campo, possibilitando que a coleta, o tratamento e a análise dos dados fossem realizados com maior precisão. Nesse contexto, presenciou-se o maior número de situações em que a afetividade se manifestou na turma.

Para o embasamento teórico utilizou-se as contribuições de Henri Wallon acerca da afetividade e alguns autores que discutem a sua teoria como: Almeida (2007, 2012) Dantas (1992), Galvão (2011), Mahoney (2010), dentre outros. Essa escolha justifica-se de acordo com Dantas (1992) por ele ter trazido inúmeras contribuições à educação, possibilitando assim novos rumos e olhares sobre a mesma. Essas contribuições se referem principalmente por Wallon ter colocado a dimensão afetiva como um dos aspectos centrais do desenvolvimento humano, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento.

Referencial Teórico

Henri Wallon foi filósofo, médico, psicólogo e político Francês. Mahoney (2010) ressalta que ele nasceu e viveu na França entre 1879 e 1962, revelando sólida formação em filosofia, medicina e psiquiatria, onde segundo a autora se configura o seu interesse em psicologia e posteriormente pela educação. Wallon buscou em seus estudos integrar a atividade científica à ação social. Essa inclinação social, segundo Galvão (2011) foi traduzida numa trajetória de compromisso ético e engajamento político, e teve origem ainda em sua infância, onde foi criado em uma atmosfera humanista, por uma família de tradição universitária e republicana. O interesse de Wallon pela psicologia se manifestou desde cedo, mas segundo Galvão (2011) a sua aproximação com a educação foi inevitável. Ele se debruçou, sobretudo, na infância com muita atenção e engajamento. Wallon se voltou para o desenvolvimento da criança. Dedicando grande parte do seu trabalho ao estudo da afetividade, enfatizando o biológico e o social.

Teoria Psicogenética Walloniana

Buscando compreender a pessoa de forma concreta e completa, a teoria psicogenética de Wallon identificou a existência de alguns campos funcionais que agrupam a diversidade das funções psíquicas. Galvão (2011) aponta que esses campos funcionais são: o afetivo, o ato motor e o cognitivo, entre os quais se distribui a atividade infantil. Galvão (2011, p.49) explica que para Wallon esses três campos funcionais “*aparecem pouco diferenciados no início do desenvolvimento e só aos poucos vão adquirindo independência um do outro, construindo-se como domínios distintos de atividade*”. Vale mencionar a existência de um quarto campo funcional que se refere à pessoa, que é responsável por integrar os outros três campos funcionais e por esse motivo, ela própria, é o quarto campo funcional.

O campo funcional é o afetivo, que Wallon apud Galvão (2011) chama de emoções, ou seja, as manifestações afetivas, que para ele acontecem a partir da interação da criança com o meio onde está inserida. O campo funcional é o motor, compreendido também por Wallon apud Galvão (2011) como movimento, que se refere segundo Wallon (2008) como o primeiro sinal de vida psíquica, a qual é vislumbrada por ele em duas dimensões: a expressiva, que consiste na base das emoções, expressões; e a instrumental, que incide na ação direta sobre o meio físico, como algo concreto e voluntário. O campo funcional é o cognitivo, também chamado de inteligência, que é considerada por Wallon (2008) em dois momentos: o 1º momento é o Pensamento Sincrético que consiste em

misturar e\ou confundir as coisas, ou seja, não separar a qualidade do objeto. Por exemplo: quando o aluno não aceita que o nome da colega de turma seja o mesmo que o de sua mãe. Isso acontece porque ele ainda não compreende que o nome pode ser o mesmo, mas que as pessoas são diferentes. O 2º momento é o Pensamento Categorical que acontece na idade escolar e corresponde a possibilidade de pensar o real por meio de categorias. Nesse momento a criança já começa a associar as coisas e compreendê-las por meio de categorias.

O 4º e último campo funcional é o da pessoa, que Wallon (2008) compreende como a construção do “eu” como pessoa e consiste no processo de individualização, ou seja, na construção da consciência de si. Wallon divide esse campo em duas fases: a 1º fase é a Imitação do outro, que corresponde à maneira de incorporar o outro como modelo. É como, por exemplo, aquela fase na qual a criança começa a imitar a mãe em seu modo de vestir, agir e falar. A 2º fase é a Negação do Outro, em que as condutas de oposição acontecem de acordo com Wallon (2008) de 3 aos 13 anos. É por exemplo a fase onde a criança passa a negar tudo que veem do adulto, querendo apenas satisfazer as suas vontades.

Wallon em sua teoria psicogenética considera a dimensão afetiva sem deixar de lado o cognitivo e o motor, de maneira que a dimensão afetiva não seja compreendida como o principal, mas como algo indissociável das demais dimensões, pois para ele ambas são responsáveis pela constituição da pessoa, e como já mencionamos também é uma dimensão, ou seja, um campo funcional. Ele também considera as relações que o indivíduo estabelece com o meio onde está inserido. O que antes era determinado pelo fator orgânico passa a ser também fortemente influenciado pelo meio social. Tanto que Wallon em sua teoria psicogenética defende uma evolução progressiva do desenvolvimento, ou seja, em constante transformação a partir das influências sofridas pelo meio social.

Nesse sentido Wallon apud Almeida (2005), apoiado no materialismo dialético superou e ultrapassou a contradição da criança ser compreendida em apenas dois aspectos: o cognitivo e o motor. Essa superação se dá a partir do momento que ele põe em xeque essa dicotomia, passando a considerar também o aspecto afetivo-social, dessa forma abrindo novas perspectivas para a psicologia da criança, ao analisá-la por meio de um método que permite compreendê-la na sua totalidade.

Os estágios de desenvolvimento de Wallon são um conjunto de características específicas que se estabelecem a partir das relações que a criança mantém com o meio social em um dado momento do processo até a fase adulta. O teórico ainda considera o

desenvolvimento como um processo que está sempre em aberto, inacabado. Wallon segundo Almeida & Mahoney (2007) distribuiu a dimensão temporal do desenvolvimento humano em estágios, que para ele expressam características da espécie e cujo conteúdo é determinado histórica e culturalmente. Os 6 (seis) estágios de desenvolvimento de wallonianos segundo Mahoney (2010, p.12) do ponto de vista afetivo são: “*Estágio Impulsivo emocional (0 a 1 ano); Estágio Sensorio-motor e projetivo (1 aos 3 anos); Estágio Personalismo (3 aos 6 anos); Estágio Categorical (6 aos 11 anos); Estágio Puberdade e adolescência (11 anos em diante) e Idade adulta*”.

Conceituando a Afetividade

A afetividade de acordo com Wallon (2008) consiste na capacidade do ser humano de ser afetado positivamente ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua juntamente com a cognição e o ato motor no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. Assim, percebemos que a afetividade pode afetar a criança de forma positiva ou negativa, dependendo da influência do meio onde está inserida, através de sensações internas ou externas.

A emoção de acordo Galvão (2011) possui suas características específicas que se diferenciam das outras manifestações de afetividade, pois é sempre acompanhada de alterações orgânicas, como a aceleração dos batimentos cardíacos, mudança no ritmo de aceleração sanguínea, dificuldade na digestão e secura na boca, o que nem sempre acontece com a manifestação de afetividade que pode ocorrer muitas vezes sem alterações orgânicas. O sentimento por sua vez segundo Almeida & Mahoney (2007) é uma espécie de representação da afetividade. É como ela se manifesta simbolicamente, não possui reações orgânicas e nem diretas como na emoção; objetiva muitas vezes a reprimir essas reações que a emoção expressa, sendo algo controlável.

Ao abordar o termo afetividade é impossível não a relacionar com a emoção, sentimento e paixão. Entretanto, deve-se ser cauteloso para não confundir esses termos, pois não significam a mesma coisa. Cada um possui a sua especificidade e ambas são essenciais na evolução da afetividade. Recorrendo ao significado de afetividade no dicionário prático de Pedagogia observamos que Queiroz (2011, p.13) a enfatiza como “*um conjunto de emoções, sentimentos e paixões – acompanhados sempre de sensações como dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza*”. A afetividade embora sendo uma palavra aparentemente positiva também se remete a características negativas. Por isso, a afetividade não se restringe somente a

manifestações de carinho e sim a todas as emoções que perpassam pelo ser humano, sendo elas positivas ou negativas.

Afetividade e Aprendizagem

Para Wallon apud Galvão (2011) a inteligência surge depois da afetividade, conflitando com ela, pois ele defende que antes da aprendizagem, ou seja, da vida escolar, o aluno de alguma maneira já foi influenciado pelas emoções, através das relações com o meio social, por exemplo. Com isso, Wallon atenta para importância de a afetividade ser considerada no âmbito escolar como algo indissociável da aprendizagem. Ao se referir à aprendizagem pensa-se imediatamente no termo aprender. Termo esse que segundo Ferreira (2010, p.57) no dicionário Aurélio significa: “*tomar conhecimento*”; “*torna-se capaz de algo*”. Ou seja, é como absorvemos determinado conhecimento, seja uma palavra, um gesto ou uma expressão facial. É de fato tudo aquilo que adquirimos a partir do convívio com o outro.

Na escola a aprendizagem se dá a partir da relação professor-aluno, local onde a afetividade também se manifesta. Para Wallon isso constitui um elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Então compreende-se que na interação professor-aluno a aprendizagem é posta em prática, onde surge a afetividade como um fator facilitador desse processo. Nesse contexto é perceptível a relevância do professor, sendo papel do mesmo mediar e promover a expressão de afetividade do aluno, favorecendo o desenvolvimento da criança, de forma que segundo Almeida (2005, p. 103) “[...] *as emoções sejam utilizadas pelo professor como fonte de energia e as expressões emocionais como facilitadoras do conhecimento [...]*”. Portanto, o professor precisa saber trabalhar com essa afetividade que na faixa etária de 6 aos 7 anos é bastante intensa.

É importante mencionar que a sala de aula também tem seu papel dentro desse contexto, de maneira que ela seja um espaço favorável, acolhedor, motivador e seguro, onde o aluno sinta-se à vontade para desenvolver e expressar as suas formas de afetividade. É imprescindível que essas manifestações de afetividade sejam utilizadas pelo professor a favor da aprendizagem do aluno. Saltini (1997, p.89) reforça que: “*Essa relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento*”. Deve-se também considerar a importância da família, pois, é muito comum um aluno que está passando por algum problema externo, ou seja, familiar; apresentar alguma dificuldade de aprendizagem. A escola não pode se ausentar de sua responsabilidade assim como a família, pois ambas têm compromisso com o desenvolvimento da criança. A família

precisa participar da vida escolar da criança e a escola deve conhecer o seu aluno assim como a família dele. Entende-se então que a afetividade não se restringe somente ao âmbito escolar.

Sobre a Pesquisa

Observação em Sala de Aula

No decorrer da observação do cotidiano da turma, diferentes manifestações de afetividade foram observadas. Nos primeiros momentos de observação notou-se que a professora é bem rígida. Ela pedia para que seus alunos se sentassem e ficassem calados a todo o momento, mesmo quando a atividade já estivesse concluída. Entretanto, ela também era muito atenciosa, respondendo todas as dúvidas dos alunos. Algo bastante relevante, pois é perceptível que a rigidez da professora objetivava que os alunos aprendessem, sendo isso uma manifestação de afetividade.

No cotidiano da sala de aula é muito comum os alunos expressarem suas emoções por meio dos movimentos, que correspondem, portanto, a uma manifestação de sua afetividade. Ainda pode se notar que os alunos são bastante agitados, principalmente após a realização das atividades. Algo normal para idade deles, mas que de certa forma prejudica a aprendizagem. A partir disso, surgiram os conflitos, pois a professora por não saber lidar com determinadas situações, gritava para chamar a atenção da turma. Em relação a isso Almeida (2005) menciona que:

No caso específico em que a plateia da emoção é uma sala de aula, participar do circuito perverso traz duplo prejuízo. De um lado, desgasta fisicamente o professor, e, de outro, compromete sua atuação em sala de aula, prejudicando os alunos. Assim, a ocorrência do estado emocional no professor tem implicações nas atividades pedagógicas. (ALMEIDA, 2005, p.92)

Então, esse conflito gerado a partir dos gritos da professora em meio à agitação dos alunos acontece devido à falta de compreensão da manifestação de afetividade. Alguns alunos indicam que estão, por exemplo, felizes com algum acontecimento, transmitindo seu contentamento através de expressões corporais, ou seja, correndo, pulando, saltando, etc., enquanto a professora, não sabendo trabalhar com isso, acaba expressando seu descontentamento através de gritos que apesar de algo negativo também são expressão de afetividade. Almeida (2005) ainda menciona que as manifestações de afetividade através do movimento não compreendidas pelos professores são vistas como:

Sinônimo de desatenção e como a atenção, é necessária passa-se a eliminar ao máximo os movimentos, em alguns casos chegando ao ponto de considerar que se resolve a situação da aprendizagem pela exclusão das crianças que ameaçam a concentração. Em virtude de interferir nas atividades das crianças e, conseqüentemente, nas relações com os outros, o movimento, geralmente, é interpretado como indisciplina. As crianças mais agitadas exaurem os adultos, sendo a inquietação na sala de aula motivo de irritação. (ALMEIDA, 2005, p.90)

Esses conflitos acontecem devido o professor acreditar que o movimento é sempre associado à agitação e ao tumulto, gerando uma grande preocupação em excluir o aspecto motor, por não saber lidar com ele em sala de aula. É necessário, portanto que o professor compreenda a real importância das manifestações de afetividade por meio dos movimentos. Entretanto, essa tarefa não é fácil para um professor, pois ele não sabe lidar muitas vezes com suas próprias emoções e tão pouco saberá com as dos alunos. Não queremos aqui defender que a sala de aula se transforme em uma bagunça sem limites, muito pelo contrário; o que objetivamos defender, de acordo com Almeida (2005, p.91) é que *“é preciso que o professor esteja atento aos movimentos das crianças, pois estes podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em conta no contexto da sala de aula”*.

Observou-se ainda que a professora procurava vivenciar a afetividade, porém ela se preocupava bastante em ministrar todo o conteúdo proposto para aquele dia. Galvão (2011, p.101) atenta para essa questão ao mencionar que *“o planejamento das atividades escolares não deve se restringir somente à seleção de temas, isto é, do conteúdo de ensino, mas necessita atingir as várias dimensões que compõem o meio”*. Assim sendo, em alguns momentos a aprendizagem é prejudicada, já que ela desconsidera outros fatores, como por exemplo: o interesse dos alunos, verificar se o ambiente está favorável e se o tempo é suficiente para que os alunos aprendam determinado assunto. Apesar desses acontecimentos, consideramos que o ambiente é favorável para o aprendizado, pois a relação entre os alunos é bem amigável. Ainda defendemos que a professora estava apenas uma semana com a turma, sentindo-se ainda muito insegura. Como a mesma relatou durante a pesquisa, que trabalhava anteriormente com uma turma de 4º ano e que estava se adequando a atual de 2º ano.

A relação entre os alunos, professores e demais componentes da escola também é muito amigável, o que proporciona um local favorável à aprendizagem. Para Wallon (1975) isso é muito importante já que ele considera as relações sociais como indispensáveis para o desenvolvimento social e intelectual do indivíduo. E, além disso,

as interações sociais, de acordo com Galvão (2011) são importantes na distinção entre o eu e o outro. Almeida (2012) enriquece a discussão ao mencionar que:

A escola é um dos meios onde podem transitar os indivíduos. Seu objetivo é proporcionar interações sociais tais que possibilitem a atuação das potencialidades dos alunos como indivíduo e como grupos para atuar na sociedade. (ALMEIDA, 2012, p.16)

Assim, compreende-se quão importante é a escola e a boa relação entre os seus componentes para o desenvolvimento do educando. Como Galvão (2011, p.11), destaca “o sujeito constrói-se nas suas interações com o meio”, ou seja, esse meio é a escola, onde o aluno interage com outro, absorvendo e criando de certa forma sua bagagem cultural.

Durante toda pesquisa percebeu-se que os alunos esperam muito da professora. Ao término das atividades eles fazem de tudo para chamar a atenção da mesma, para receber elogios, e a cada elogio era notório a felicidade dos alunos, pois o elogio serve como incentivo, favorecendo assim a aprendizagem. Dantas (1992) ressalta essa questão quando menciona que:

A mediação social está, pois, na base do desenvolvimento: ela é a característica de um ser que Wallon descreve como sendo “geneticamente social”, radicalmente depende dos outros seres para substituir e se construir enquanto ser da mesma espécie. (DANTAS, 1992, p.92)

Assim, a criança precisa de palavras de incentivo, o que favorece o seu desenvolvimento, pois como afirmou Dantas, o ser depende do outro para se construir, ainda mais se tratando de uma criança vivendo estágio categorial, começando a se diferenciar do outro e compreender o meio onde está inserida. Os incentivos são indispensáveis.

Entrevista com a Professora

Aqui destacam-se os principais questionamentos abordados durante a entrevista com a professora. De início percebeu-se que a mesma realmente gosta do que faz. Isso é muito importante, pois, quando se faz o que gosta, sem dúvida as atividades são realizadas com mais empenho e dedicação. De fato, o professor que se sente realizado em seu trabalho, faz a diferença. Atualmente isso é muito importante, pois, não é tão comum encontrar um professor feliz e realizado profissionalmente como menciona Canfield (2011):

Pouco se observa os docentes destacando os aspectos positivos da docência, aqueles que são fonte de prazer, de alegria e de satisfação; aqueles que fazem o professor jamais se arrepender da escolha profissional, saber dizer quais os motivos que o fazem continuar sentindo-se realizado mesmo após anos no magistério e continuar escolhendo a docência se pudesse escolher outra profissão. (CANFIELD, 2011, p. 3)

Questionada sobre as suas experiências positivas e negativas na relação professor-aluno, a professora prontamente responde:

Positiva para mim é quando dá certo o trabalho que faço com o meu aluno e quando percebo que ele tem um retorno bom. Já negativo é quando percebo que o meu aluno no decorrer desse processo não teve o avanço almejado. (Professora)

Através desse relato é fácil perceber que a professora é bastante preocupada com aprendizagem dos seus alunos. E isso é um sinal de afetividade, pois ela considera que sua relação com o aluno é positiva, quando este aprende, ou seja, se desenvolve cognitivamente. Referente a isso, Pereira (2010, p.50) menciona: “*é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo de ensino aprendizagem*”. Ou seja, na relação entre professor-aluno, o vínculo afetivo facilita a aquisição de conhecimento, tornando a relação entre ambos mais prazerosa. Em relação ao ponto negativo na relação professor-aluno, a professora relata que é quando o aluno não tem o avanço almejado, ou seja, quando o aluno por algum motivo não aprendeu. Em relação isso torna-se necessário que o professor investigue e compreenda o motivo pelo qual este aluno apresenta baixo rendimento.

Também se perguntou sobre o que é para a mesma ser um professor afetivo. Ela mostrou certa inquietação, e respondeu:

É importante porque a afetividade dentro da sala de aula é um dos fundamentos significativos, porque ela te mostra como você deve trabalhar com o aluno, conhecer aquele aluno, pois muitas vezes ele vem de casa com problemas pessoais. Eu pelo menos sou muito afetiva com meu aluno. Eu acho a afetividade muito importante sim, pois ela te possibilita saber de onde aquele aluno vem e perceber que muitas vezes quando o aluno chega triste na sala de aula, sem vontade estudar. A partir disso eu começo a compreender a dificuldade que ele traz de casa para a sala de aula, e em cima disso trabalho a afetividade com ele. (Professora)

Através do relato da professora depreende-se que, para a mesma, ser um professor afetivo é ser um professor comprometido tanto com vida cognitiva do aluno quanto com a pessoal do aluno algo que consideramos muito importante, pois de nada adianta estar com um aluno em uma sala de aula durante um ano e não o conhecer. Caso isso ocorra,

não há ensino-aprendizagem sem um bom vínculo entre professor e aluno. A respeito disso Pereira (2010) menciona que o professor deve compreender seu aluno a partir de “*seu contexto, sua cultura, o meio familiar em que está inserido, bem como as dimensões mais amplas da convivência entre criança e outras pessoas, na construção de diversas interações com o meio do qual faz parte*”. Portanto, o professor deve abranger seu aluno de forma completa, concreta e contextualizada, e de acordo com a perspectiva Walloniana, fugir da compreensão fragmentada do indivíduo, pois este possui suas especificidades, através de suas experiências vivenciadas e também a partir da interação social com o outro.

Outra questão importante é o ambiente que segundo Cunha (2012) influencia na prática do ensino, cabendo ao professor vincular a atenção do aprendiz com o ensino e despertar nele o interesse em aprender. Com isso perguntou-se a professora como ela percebe que o aluno aprendeu. Prontamente ela respondeu:

Eu faço as minhas avaliações com os alunos todos os dias, ao término de cada disciplina eu procuro perguntar se eles entenderam, se eles querem que repita algo, se querem perguntar alguma coisa, e principalmente pergunto o que eles puderam assimilar com as minhas explicações, com atividades que realizadas em sala de aula. Eu faço esse teste de sondagem com eles, assim eu posso saber o que eles entenderam e o que não entenderam. (Professora)

De imediato percebeu-se que a professora foi muito precisa em sua resposta, e que ela ouve seus alunos e leva em consideração o que eles sabem. Isso é muito válido, pois de alguma forma eles se sentem importantes naquele ambiente; isso é o que deve acontecer, pois o principal ali é o aluno e o seu aprendizado. Notou-se mais uma vez, a preocupação da professora com o aprendizado dos alunos. Através de sondagem ela pode todos os dias conhecer em que grau de aprendizagem encontra o seu aluno. Libâneo (2013) reafirma que professora relatou ao mencionar que:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. Esta é uma das funções da avaliação diagnóstica. (LIBÂNEO, 2013, p.275)

Entendeu-se, portanto, que ouvir o que o aluno tem a dizer e preocupar-se com o seu aprendizado é uma das coisas mais importantes na relação professor-aluno e só assim

o aprendizado alcançaria seus objetivos pretendidos. A professora, por sua vez, mostra novamente ter um bom vínculo afetivo com seus alunos. Posteriormente também se questionou a professora sobre os seus sentimentos ao perceber que o aluno aprendeu. Ela, com um sorriso estampado no rosto, responde:

Sinto-me muito feliz, porque eu acho muito importante fazer o meu plano de aula, me planejar, me preparar, para que no dia seguinte na sala de aula e ao repassar aquele conteúdo e depois perceber que o aluno aprendeu é muito gratificante, é um sentimento de dever cumprido, é um ponto positivo tanto na minha vida como na dele. (Professora)

No relato da professora, sem dúvida, é visível o quanto ela se sente realizada após perceber que o seu aluno aprendeu o conteúdo proposto e ainda deixa claro que além de ser algo relevante para sua pessoa também e para o aluno. Portanto, nessa troca de conhecimento entre ambos o aluno se desenvolve e a professora, por sua vez, sente que seu dever foi cumprido com êxito. Mahoney (2010, p.82) ressalta muito bem essa questão quando menciona que *“é da disposição de o professor estar na direção, estar voltado para o seu aluno que dependerá a marca de sua contribuição ao desenvolvimento do aluno que lhe for confiado”*. Ou seja, tudo depende da disposição do professor, do gostar da relação com o aluno e seguir seu ritmo de desenvolvimento, pois, se o professor estiver aberto ao aluno e comprometido com ele, o desenvolvimento do aluno será beneficiado e fluirá naturalmente. Algo que a professora demonstrou através do seu relato. Também se questionou sobre a relação da professora com os responsáveis dos alunos. Ela entusiasmada responde:

Muito boa, principalmente esse ano que as famílias estão muito interessadas. Eles mesmos me procuram para saber do rendimento escolar dos alunos. E isso é muito importante para o professor, essa relação com a família é essencial. (Professora)

Apreendeu-se através do relato da professora o quanto a família é importante no contexto escolar, principalmente no que diz respeito à aprendizagem do aluno. O fator família é sem dúvida um dos mais importantes, é o que mais influencia na vida educativa do aluno. Nesse contexto Almeida (2005) explica detalhadamente essa relação que família e escola têm na vida do aluno ao descrever que:

A família representa um papel singular no desenvolvimento infantil; precedendo sua capacidade de escolha, constitui-se no primeiro grupo da criança no qual ela satisfaz as suas necessidades básicas e obtém as primeiras condutas sociais. A criança é fortemente influenciada pelo tipo de relação que mantém com cada componente de sua constelação familiar, daí a importância, para o desenvolvimento psíquico da criança, dos papéis que cada um representa e das relações que cada um

estabelece com ela. É quando a criança começa a distinguir-se do outro, que a escola assume uma importância capital para o desabrochar da personalidade infantil. Entre outras coisas o que distingue o meio familiar do meio escolar são a natureza e a diversidade das relações que os constituem. (ALMEIDA, 2005, p.104)

Assim, entende-se que os vínculos afetivos se iniciam na relação familiar e posteriormente chegam à escola, onde esses laços são ampliados e criam-se nossas relações interpessoais que são essenciais para o desenvolvimento intelectual do aluno. Nesse sentido compreende-se a importância de estes trabalharem em conjunto. Ainda se questionou se a professora tem conhecimento da vida dos alunos. Ela, amavelmente, responde:

Sim, totalmente, conheço todos os meus alunos, tenho 3 alunos com os pais separados e são os que mais tem dificuldade, procuro sempre estar atenta a eles. Inclusive um deles está passando por muitos problemas e eu estou fazendo o que eu posso para ajudá-lo. Peço para todos na escola para terem mais paciência porque ele é um pouco agressivo. Um dia desses conversando com ele, ele me disse que age assim porque sente muita falta da mãe dele que morra em outra cidade. E a forma dele expressar seu descontentamento é através da agressividade. E essa também é a preocupação dos pais dele que sempre que comparecem à escola, logo perguntam se ele bateu em alguém. (Professora)

Sem ao menos ter citado nomes lembrou-se de imediato de qual aluno a professora se referia. Este aluno havia sido transferido naquela semana em que realizamos em sala de aula a observação andava muito cabisbaixo nas aulas e que o pai, preocupado insistia em perguntar se ele havia se comportado. Assim observamos através dos relatos da professora, o quanto ela conhece a vida dos seus alunos e o quanto busca de alguma forma ajudar na possível resolução ou pelo menos amenização de algum problema. Cunha (2012, p.91) reforça isso quando expõe que “*a prática docente requer mais dinâmica afetiva do professor com o seu aluno. Mais desejo e prazer em ensinar como resposta à necessidade de mover-se sempre em busca de alternativas às dificuldades da aprendizagem discente*”. Portanto, o que a professora faz muito bem é algo que todos os professores deveriam compreender. O aluno muitas vezes está com problemas familiares, o que bloqueia seu desenvolvimento cognitivo, e somente o professor, com o conhecimento que tem sobre seu aluno, saberá contornar determinada situação. A maioria dos problemas que os alunos enfrentam se remetem a fatores afetivos-sociais, ou seja, através da vivência com o outro que lhe desperta emoções, algumas vezes negativas.

Por fim, perguntou-se a professora quando a afetividade facilita o processo de ensino-aprendizagem e quando dificulta. Com certo embaraço ela responde:

Ela facilita quando você conhece o seu aluno e você pode ajudar em algum problema dele, devido às conversas que já teve com ele e com os seus pais. Ela dificulta às vezes quando você dá mais atenção para um aluno do que para o outro, pois é necessário que a atenção seja para todos e não só para alguns. (Professora)

Desse modo, a professora considera que a afetividade facilita a relação professor-aluno quando a docente possibilita conhecer o seu aluno. Ou seja, através do vínculo afetivo criado com ele, a professora sonda-o buscando entender tudo o que perpassa em sua vida.

Pereira (2010), em relação a isso, menciona que:

O professor que oportuniza encontros interativos entre ele e os alunos, dos alunos entre si e destes com a construção do saber, a partir de sentidos atribuídos através da mediação, poderá proporcionar a reconstrução de conhecimentos produzidos ao longo da história, percebendo-se e fazendo-os perceberem-se como parte essencialmente importante no processo ensino-aprendizagem. (PEREIRA, 2010, p.36)

Percebeu-se assim quão importante é a relação entre professor e aluno, o quanto é significativa para o aluno os encontros que tem com o professor para um simples diálogo, mas que para o aluno pode significar muito. O aluno busca no professor muitas vezes que não encontra em casa, como um elogio e uma conversa sobre algo que lhe inquieta. Relacionado à dificuldade que a afetividade lhe traz, a professora menciona que é o fato de dar mais atenção para um aluno do que para o outro. Portanto, muitas vezes focamos naquele aluno que apresenta mais dificuldade e esquecemo-nos dos demais, ou em contraponto a isso, desconsideramos os alunos que tem alguma dificuldade e direcionamos as aulas buscando repassar todo conteúdo proposto.

Considerações Finais

Aprendemos que ainda existe distância entre o real papel da afetividade e a vivenciada. Entendemos, sobretudo, que a afetividade é compreendida, mas que a professora ainda possui dificuldade em falar sobre ela. Essa dificuldade em tratar das situações emotivas em sala de aula é compreensível devido à própria natureza da emoção. A entrevista mostra claramente que a afetividade é principalmente conhecer o aluno. A professora também demonstra medo em perder a autoridade em sala de aula e isso acabou exaltando-a. Ainda percebemos que existe necessidade da valorização da afetividade. O movimento em sala de aula que por vezes era cessado com gritos, também é uma manifestação de afetividade, algo que a professora, sem perceber, acaba interrompendo com a sua forma de manifestar a afetividade: com “gritos”. Portanto, percebemos como

o tema afetividade é muito amplo, e que mesmo sem perceber isso perpassa por todos os momentos de nossa vida. Assim, a articulação entre os aspectos afetivos e cognitivos é necessária para não os ter equivocadamente como aspectos distintos.

A afetividade é algo indissociável da aprendizagem, fato este comprovado a partir da observação da turma e a representação da professora sobre a afetividade durante a entrevista. Aprendemos que o ambiente é importante e influencia na aprendizagem, que a boa relação entre os sujeitos escolares é bastante benéfica e que a professora exerce um papel de extrema importância, pois os alunos esperam muito dela; as palavras de carinho e de incentivo os motiva e isso é indispensável para o desenvolvimento deles. A professora é rígida, porém não é tradicional e nem autoritária. Ela apenas introduz um ritmo, de maneira que sua aula seja propícia para o aprendizado dos alunos; demonstra preocupação e interesse pelo aprendizado dos alunos, não tendo preferência por alunos, chama-os pelo nome e isso é bom, mostra que eles têm identidade. Compreendemos também a relevância do vínculo afetivo entre professor e aluno e o quanto isso beneficia a aprendizagem. Percebemos que o convívio entre estes proporciona um turbilhão de emoções; emoções estas que devem ser bem interpretadas, pois sempre transmitem algo. Por exemplo: uma mensagem que o aluno pode estar querendo transmitir sobre algo que está influenciando de alguma forma em sua vida.

A pesquisa, por meio da observação em sala de aula, correspondeu às expectativas, visto que os sujeitos escolares pesquisados agiram com naturalidade no decorrer dela, possibilitando assim uma coleta de dados precisa que, somada à entrevista com o professor, alcançou o objetivo pretendido. No que diz respeito à observação em sala de aula algo muito significativo foi à participação dos pais. Eles são bem atuantes e participam maciçamente da vida escolar dos seus filhos. Assim, sabemos o quanto família e escola juntas exercem um papel importantíssimo no desenvolvimento da criança. Através da pesquisa compreendemos que a escola é um espaço privilegiado, onde ocorre à socialização e onde a afetividade possui um grande valor. E o professor que não considerar os aspectos sociais e afetivos corre o risco de não ser bem-sucedido, pois o aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações e, através disso, adquirir conhecimento. Almeida (2005, p. 101) reforça essa questão ao mencionar que “*A escola é um dos meios de influência externa é um espaço legítimo para a construção da afetividade*”.

Como expectativas e sugestões, indicamos que a afetividade seja considerada como um aspecto importante, para que os professores a vejam como um auxílio que enriqueça a sua prática e não como entrave. Em relação a isso Wallon apud Almeida

(2005, p.101) ressalta que “*é importante não separar inteligência e afetividade*”. Ou seja, existe reciprocidade entre afetividade e inteligência e ambas não podem ser compreendidas separadamente. É importante também não ter a afetividade apenas como atos de carinho, pois ela é mais abrangente. Vale frisar que a autoridade também é uma manifestação de afetividade, pois através disso o professor mostra estar preocupado com a aprendizagem.

Concluir não é uma tarefa fácil, pois quando pensamos ter chegado a algum resultado percebemos que ainda existem dúvidas. Assim, entendemos o quanto o fenômeno afetividade é importante, e como ele pode influenciar na vida do indivíduo. Sabemos também que a afetividade é um campo rico e aberto para investigação. Mesmo em se tratando de um assunto bastante discutido ainda há muito a se explorar. Assim, a afetividade e a aprendizagem são aspectos diversos de uma mesma e única realidade: o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Por isso são inseparáveis e essenciais.

Referências

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 2005.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (org). **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Afetividade, Aprendizagem e Educação de Jovens e Adultos**: Relatos de pesquisa na perspectiva de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2012.

CANFIELD, Mira. **Imaginário, satisfação profissional e trajetórias formativas de professores**. 2º encontro ouvindo coisas. Universidade Santa Maria, 2011. Disponível em: <<http://coralufsm.br>> Acesso em: 22/Maio/2014.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. – 3ªed. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2012.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de wallon**. In: LA TAILLE, Yes. Piaget, Vigotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo, Summus, 1992.

FERREIRA, Aurélio. **Mini Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa.- 8.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. – 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LIBÂNEO, José. **Didática**. 2º ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

QUEIROZ, Tânia. **Dicionário prático de pedagogia** – 3ªed. São Paulo: Rideel, 2011.

PEREIRA, Zildene. **Afetividade e aprendizagem escolar na perspectiva de professoras alfabetizadoras**. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: PA, 1997.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento: Ensaio a psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa 1975.